

Sucesso da Anhanguera atrai novas universidades

Tânia Nogueira Álvares

Estácio de Sá também se prepara para abrir capital e obter recursos para acelerar expansão.

A voracidade com que as ações ofertadas pela Anhanguera Educacional foram adquiridas por investidores estrangeiros e a insatisfação dos que ficaram de fora devem acelerar o processo de abertura de capital de outras instituições de ensino superior privado no Brasil. Segundo Ryon Braga, da Hoper Consultoria, algumas empresas do setor já estão em processo adiantado. Como a Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro, a maior do País.

Na semana passada, executivos da empresa compareceram ao congresso que o banco Credit Suisse realizou na cidade de Phoenix, nos Estados Unidos, para empresas que estão se preparando para abrir capital. "Eles apresentaram números auditados pela PricewaterhouseCoopers: 180 mil alunos em 57 unidades no Brasil, uma no Uruguai e uma no Paraguai, faturamento de US\$ 410 milhões e Ebtida de US\$ 49 milhões," diz Ryan, com os números tirados do paper apresentado. Procurada por este jornal, a Estácio de Sá não quis se manifestar a respeito.

O Grupo Pitágoras, com sede em Minas Gerais e que tem entre seus sócios Walfrido dos Mares Guia, ex-ministro de Turismo hoje na pasta das Relações Institucionais, é outra instituição que está preparando a abertura de capital, diz Braga.

Alícia Figueiró, vice-presidente administrativo-financeiro do grupo, que vai do ensino fundamental ao universitário, afirma que o Sistema Universitário não avalia no momento essa possibilidade. "Não temos nenhuma diretriz para a abertura de capital." Ela acrescenta que o Pitágoras tem um projeto de expansão que está sendo tocado desde 2004. O grupo tem 560 escolas em todos os estados do Brasil e no Japão (6), 225 mil alunos e 21 mil professores. O Sistema Universitário tem 19 cursos, com 10 mil alunos, em 6 campi.

A Faculdade Pitágoras é considerada, no mercado, a mais preparada para dar esse passo por já ter adotado uma gestão profissional há 20 anos em sua rede. Outro ponto conta a favor: a universidade teve a parceria do fundo de investimentos norte-americano Apollo International durante cinco anos, de 2001 a 2006.

Claudio de Moura Castro, presidente do Conselho Superior do Sistema Universitário, reconhece que hoje o grupo é o mais preparado para abrir capital. A experiência com a Apollo International, que faz parte do Apollo Group, empresa de capital aberto nos Estados Unidos, reforçou a prática de controle de procedimentos, de rigor na auditoria interna.

Mas Castro alerta para um complicador. Apesar de existir um bom número de faculdades em dificuldades financeiras e, portanto, abertas a aquisições, não é fácil fechar um negócio. "Grande parte dessas faculdades não têm contabilidade arrumada, é tudo muito informal." O que tem emperrado tentativas de expansão por meio de compras por parte de várias instituições "Os processos de fusões param no meio, na hora que pedem uma 'due diligence' para apurar a exatidão das informações." Por essa razão, Alícia diz que "a decisão de abrir capital é muito séria porque depois tem de entregar o que promete para o mercado."

O problema com números e práticas contábeis decorre do antigo modelo de operação das escolas, que não podiam ter fins lucrativos. Com isso, alguns proprietários encontraram subterfúgios, como lançar altos valores como aluguel do prédio, para retirar parte do lucro. Em 1977, foi autorizado abrir escolas com fins lucrativos. Muitas começaram a fazer a conversão ao modelo, estimuladas pelo Prouni, que permite redução de impostos com a concessão de bolsas para alunos carentes.

Oportunidades e riscos

Segundo Ryon Braga, a atração exercida pela Anhanguera tem dois motivos: os investidores têm grande expectativa em relação ao potencial do mercado educacional brasileiro e a

proposta de negócio da Anhanguera, de crescer 30% ao ano a partir de aquisições, é extremamente interessante.

Na oferta fechada no dia 14 de março, a empresa captou R\$ 512,325 milhões. Desse valor, 221 investidores estrangeiros (1,5% do total de 14.651 subscritores) ficaram com 75,12% dos units (cada unit representando uma ação ordinária e duas preferenciais). Esse elevado percentual tem sido uma constante no lançamento de ações das diferentes empresas brasileiras que abriram seu capital nos últimos meses. Fundos de investimentos (149, ou 1% do total de subscritores) ficaram com a segunda maior fatia: 14,86% do volume ofertado.

Para Braga, a questão é quantas instituições conseguirão criar um modelo igual ao da Anhanguera em meio ao forte processo de consolidação do setor. "Existe uma demanda que pode estar superdimensionada."

Os números do ensino superior podem provocar esse equívoco. Dos 2,3 milhões de alunos que se formam por ano no ensino médio, apenas 1,4 milhão ingressam na faculdade. Apenas 12,6% dos jovens brasileiros de 18 a 24 anos cursam o ensino superior -em comparação a 30% na Argentina e 37% no Chile. Mas é preciso olhar os fatores que limitam essa expansão.

Boa parte dos jovens não tem condições de entrar na universidade pública, nem recursos para pagar a universidade particular.

Comente esta reportagem no portal www.gazetamercantil.com.br

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 30, 31 mar. e 1 abr. 2007. Administração & Serviços, p. C8.